

“GIGANTE DA PENA E DA PALAVRA”¹: EDUCAÇÃO PIAUIENSE NO DISCURSO *INSTRUÇÃO E CIVISMO*, DE HIGINO CUNHA (1910)

JANE BEZERRA DE SOUSA

Universidade Federal Do Piauí (UFPI), Teresina, Piauí, Brasil

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar o discurso *Instrução e civismo*, de Higinio Cunha (2013), escrito em 1910, mas publicado na Revista da Academia Piauiense de Letras em 1919, edição que está disponível no Projeto Memória do Jornalismo Piauiense. Trata-se de uma pesquisa hemerográfica, documental e bibliográfica, que tem como autores para dialogar com o tema Queiroz (2011), Chartier (1990), Brito (1996), Souza (2008), Capelato (1988), Nóvoa (2002), Sousa (2020), entre outros. No discurso *Instrução e civismo*, é possível realizar um levantamento de vários pilares do pensamento de Higinio Cunha, como formação voltada ao patriotismo em todos os espaços, importância de investimento na educação, educação como construção da unidade nacional, preservação dos ideais republicanos, cultivo literário, conhecimento como motor universal e ensino moderno.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa; Educação Piauiense; Ideais Republicanos; Higinio Cunha.

INTRODUÇÃO

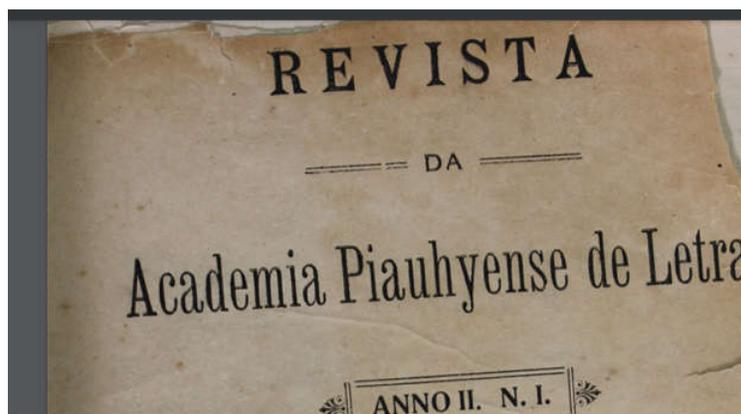
Este artigo surgiu do desejo de dar continuidade, em jornais piauienses, às pesquisas que venho realizando em jornais e revistas desde o ano de 2004, no mestrado, doutorado e pós-doutorado. Com essas experiências, venho aperfeiçoando métodos de pesquisa e estudando teorias sobre o uso de jornais e revistas como fonte para a História da Educação. Nessas experiências, tenho percebido o quanto os periódicos são excelentes para descortinar e revelar o tempo e o cotidiano de um povo. Ao ler as páginas, é como se realizássemos uma viagem ao passado, percebendo os diversos modos de viver de cada sociedade em seus espaços e tempos. Para mim, tudo é importante: os editoriais, as informações dos jornais, as propagandas, as notícias e os discursos.

Sei que muitos questionamentos ainda vêm à tona quanto à utilização do jornal como fonte. Seria ela fidedigna à realidade da história? Mas, ao realizar as leituras, percebo o quanto há da interpretação do historiador ao tratar de suas fontes. Considerando a variedade de assuntos nos jornais, a educação está sempre estampada de algum modo nas manchetes e, dessa forma, nos traz retratos de um tempo, reflexões e expectativas.

Decidi por construir este texto empreendendo uma pesquisa não somente em jornais, mas também em revistas, iniciando pela década de 1910 na consulta ao arquivo hemerográfico, através do Projeto Memória do Jornalismo Piauiense, que reúne, em versão digitalizada, boa parte de jornais e revistas do Arquivo Público do Estado do Piauí – Casa Anísia Brito. Deparei-me, durante a consulta, com uma edição da *Revista da*

Academia Piauiense de Letras de 1919, contando com 202 páginas, que logo chamou a minha atenção por seu vasto conteúdo na área da educação (Figura 1). Essa revista tinha, na comissão de redação, Higino Cunha, Fénelon Castelo Branco e João Pinheiro. Da vastidão de poesias, discursos e artigos, chamou-me mais ainda a atenção o discurso *Instrução e civismo*, de Higino Cunha (2013), que foi proferido no ano de 1910, por ocasião da festa do Liceu Piauiense. Percebi, dessa forma, que, através do discurso, era possível fazer uma análise do pensamento do autor e da educação do Piauí naquele período. Aqui, nestas linhas, tem-se o resultado dessa pesquisa.

Figura 1 – Capa da Revista da Academia Piauiense de Letras, ano 2, n. 1



Fonte: Acervo da autora. Captura de tela sobre Cunha, Branco e Pinheiro (2013).

Dessa maneira, em se tratando de uma pesquisa documental, apresentamos como fonte a *Revista da Academia Piauiense de Letras*, ano 2, número 1, de 1919. Como referencial teórico de análise, utilizamos a história cultural, especialmente com Roger Chartier (1990, p. 16-17): “A história cultural, tal como entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.” Com o conceito de representação, analisamos de que forma se apresentava a educação no discurso *Instrução e civismo*. Trabalhamos ainda com Capelato (1988, p. 14), segundo a qual “O uso do jornal como fonte histórica implica dificuldades de tal ordem, que historiadores do passado chegaram a se desencorajar. Hoje, muitos enfrentam o desafio obtendo resultados altamente compensatórios.”

O recorte temporal é o ano de 1910, bastante representativo para a História da Educação Piauiense. Temos, nesse período, uma reforma educacional e a oficialização da Escola Normal nesse estado, o que foi significativo para nossa educação, principalmente para a formação docente, bem como para a criação de Grupos Escolares, a partir de 1922, símbolo do moderno na educação no Piauí.

O artigo está dividido da seguinte forma: uma análise sobre o trabalho em pesquisa com periódicos, neste caso, a *Revista da Academia Piauiense de Letras*; em

SOUSA, J. B. de

seguida, uma apresentação ao leitor de um perfil do autor Higino Cunha, através da obra *Os literatos e a República*, da historiadora Teresinha Queiroz (2011), e do texto “Higino Cunha, mestre da geração acadêmica”, de Francisco Miguel de Moura (2018); e, por fim, a partir do discurso *Instrução e civismo*, uma análise da educação do Piauí em 1910, considerando as ideias de Higino Cunha. Para tanto, dialogamos com outros autores piauienses, como Brito (1996) e Sousa (2020). Esperamos, com o resultado deste artigo, estimular novas pesquisas com jornais e discursos, bem como com professores e suas ideias.

O USO DO PERIÓDICO COMO FONTE E A REVISTA DA ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS

Em artigo de 2002, afirmava Araújo (2002):

Já está se consolidando uma tradição de realizar a pesquisa histórico-educacional brasileira também através da análise da imprensa. São vários os esforços de investigação na direção do aproveitamento da imprensa periódica, como fonte para o estudo da educação (ARAÚJO, 2002, p. 91).

Então, desde 2002, percebemos o crescimento da pesquisa na História da Educação com a utilização da imprensa e dos impressos. O avanço da corrente historiográfica da História Cultural, propondo a ampliação de novos objetos e fontes, foi um passo fundamental para consolidar esse tipo de pesquisa e temática. Impulsionada por esse pensamento, tenho trabalhado com jornais, revistas e periódicos como fonte, desde 2004, quando iniciei meus estudos acadêmicos no mestrado.

Trabalhar com periódicos leva-nos a pensar como Nóvoa (2002, p. 14): “A diversidade dos colaboradores diz bem da importância das publicações periódicas como espaço de afirmação de correntes de ação e de pensamento educacional” A *Revista da Academia Piauiense de Letras* é um espaço que se constitui dessa forma, com uma grande diversidade de poesias, opiniões, noções de disciplina, do Direito, entre outros assuntos, trazendo-nos o retrato de um tempo através das vozes daqueles que escreveram naquele momento. Assim, ao consultá-la, podemos fazer a leitura do pensamento e da ação de pessoas que viveram naquele tempo, já que o periódico traz uma gama de assuntos, os quais englobam educação e ensino, um conjunto das variadas informações, assumindo, assim, um papel de difusão de ideias. A *Revista da Academia Piauiense de Letras* era o local em que professores tinham voz e levavam o seu conhecimento a outros cantos. Higino Cunha (2013), por exemplo, traz, em *Instrução e civismo*, um pensamento educacional que marca uma época no Piauí, mas que está inserido também no contexto educacional brasileiro.

A Academia Piauiense de Letras foi fundada no ano de 1917. O Seu primeiro presidente foi Clodoaldo Freitas.

Está Higino Cunha ao lado dos intelectuais que fundaram a Academia Piauiense de Letras: Antonio Chaves, Benedito Aurélio de Freitas, Celso Pinheiro, Clodoaldo Freitas, Édison Cunha, Fenelon Castelo Branco, João Pinheiro, Jônatas Batista e Lucídio Freitas (MOURA, 2018, p. 139).

Segundo Mendes (2020), a *Revista da Academia Piauiense de Letras* foi lançada em 1918, um ano depois da criação da APL:

A criação da Revista, conforme pesquisa e anotação da acadêmica Maria do Socorro Rios Magalhães, operou-se em obediência às normas estatutárias. Segundo nota e editorial do primeiro número, a publicação nasceu com o objetivo de difundir não apenas as boas letras, mas, sobretudo, o estudo da geografia e da história do Piauí (MENDES, 2020, p. 11).

Um exemplar do número 1, ano 2, de 1919, está digitalizado no Projeto Memória do Jornalismo Piauiense, plataforma que consultei para elaboração deste trabalho, uma pesquisa hemerográfica. Nesse exemplar, são diversos os assuntos apresentados, como disciplinas escolares, poesias e discursos, entre outros, assim como diversos são os seus colaboradores: Nogueira Tapety, Cristino Castelo Branco, Lauro Pinheiro, Celso Pinheiro e Félix Pacheco, entre outros. São várias as notícias, como óbitos, composição de diretoria, membros efetivos da Academia, sócios correspondentes, bibliografia e correspondências.

"GIGANTE DA PENA E DA PALAVRA"

Uso esta frase, "Gigante da pena e da palavra" (CASTELO BRANCO, 2011, p. 154), descrição de Higino Cunha feita por Cristino Castelo Branco, como título deste tópico por concordar com suas palavras, uma vez que Cunha escreveu livros, discursos, inúmeras matérias jornalísticas, além de sua escrita sempre ser bem fundamentada em autores da História e da Filosofia. Era um pensador: "Higino escrevia a propósito de todos os assuntos do momento, estava a par do que acontecia no mundo, era um grande orador e sempre solicitado para fazer conferências, o que esteve muito em voga no seu tempo." (MOURA, 2018, p. 152). Para que essa ideia seja corroborada, retirei alguns trechos da sua obra *Memórias*, bem como citações de autores que escreveram sobre ele, numa tentativa de apresentar ao leitor o autor de *Instrução e civismo*.

Conforme o autor declara em sua autobiografia, Higino Cunha nasceu em 11 de janeiro de 1858, no Sítio Bacuri, antiga Flores, hoje Timon, no Maranhão (CUNHA, 2011). Eram seus pais Coronel Luiz José da Cunha e Ludgera Maria da Conceição. Estudou as primeiras letras na casa do pai, tendo sido seus professores Sátiro, Loreno e Luiz, seus irmãos. Dos 10 aos 12 anos, foi aprendiz de balcão na casa do irmão Sátiro Cunha; aos 12 anos, foi residir em Teresina. Ingressou no Liceu do Maranhão em 1878 e, em 1881, matriculou-se na Academia de Direito do Recife, regressando ao Piauí em 1885. Foi professor do Liceu, da Escola Normal e da Faculdade Direito; jornalista, juiz, procurador da Fazenda e poeta, entre outros ofícios. Em suas memórias, afirma: "Fui o primeiro professor que ensinou, em Teresina, a gramática da língua portuguesa segundo a nova orientação preconizada por Júlio Ribeiro, Pacheco Júnior e Lameira de Andrade. Despertei o gosto pelo estudo do piano, que era muito nulo entre nós." (CUNHA, 2011, p. 75).

Sobre a aposentadoria, Higino Cunha aponta os recursos recebidos, o que nos leva a analisar o quanto a profissão docente era desvalorizada naquele período em relação aos salários, uma vez que o vencimento obtido como professor do Ensino Superior equivalia aproximadamente a metade do que recebia como procurador dos feitos da Fazenda Estadual: “Aposentei-me em julho de 1925 no lugar de procurador dos feitos da fazenda estadual com os parcos vencimentos de Rs.700\$000 mensais e, tempos depois, mais Rs.300\$000 de professor catedrático da Faculdade de Direito do Piauí.” (CUNHA, 2011, p. 81).

Higino Cunha fez parte de uma geração de intelectuais piauienses que se empenharam para que suas ideias transformassem o espaço em que viviam, e a imprensa foi muito importante para disseminar esse pensamento, pois era o espaço de protesto. Dessa forma, era conhecido como “mestre”, como podemos notar no título do artigo “Higino Cunha, mestre da geração acadêmica”, de Francisco Miguel de Moura (2018). No livro *Memórias*, Higino Cunha (2011) explica para todos o título que o acompanhou desde o início da vida pública:

Mas o meu caso é de fácil explicação. Como já disse num capítulo anterior, assumi a redação de Imprensa em 1886, a convite do coronel João da Cruz e Santos. Sucedia algumas vezes que um ou outro artigo publicado naquele jornal despertava a atenção de algum leitor assíduo, por um motivo qualquer. Um dos íntimos do coronel interpelava-o sobre a autoria do artigo e ele respondia bonachão: “Então não conhecestes? Pois aquilo é obra do mestre Higino.” Deste círculo estreito a coisa foi-se alastrando, primeiro entre os rapazes dados às produções literárias, que me cercavam amistosamente, e depois especialmente os do Liceu, onde fui lente e examinador durante muitos anos (CUNHA, 2011, p. 84).

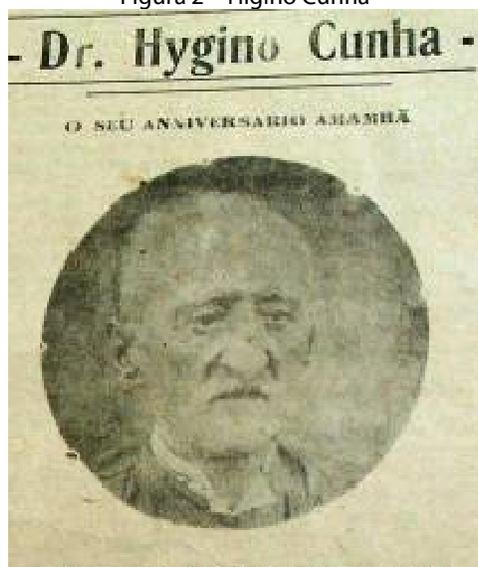
É inegável, pelas leituras de autores que biografaram Higino Cunha, a grande representação que este teve no estado do Piauí. A imagem social que ficou é de uma pessoa combativa, de opiniões firmes, intelectual, que não se furtava ao embate de defender as ideias nas quais acreditava. Sobretudo na educação, considero que ele foi um colaborador para a consolidação de uma rede escolar, com atuação inicialmente no Liceu Piauiense, na Escola Normal e, posteriormente, na Faculdade de Direito. Ele faz parte do grupo que Queiroz (2011) menciona ao descrever os bacharéis no início do século XX no Piauí:

[...] um perfil dos bacharéis piauienses nesse período apresenta-os como um grupo de ampla presença social e de inegável envolvimento político. Sua atuação pode ser observada nas mais diversas instâncias: na educação, na imprensa, na política, na administração pública, na justiça, no lazer, na literatura (QUEIROZ, 2011, p. 14).

Não podemos deixar de aludir à atuação de Higino Cunha na imprensa, em vários jornais do Piauí, trazendo a educação piauiense para as primeiras páginas, chamando a atenção da sociedade e de governos para a importância de investimentos nessa área. Formou gerações defendendo um ensino moderno e laico. “E foi, por assim

dizer, um grande explorado, deu toda a riqueza da sua inteligência, todo o ouro da sua cultura, todas as pérolas da sua sabedoria, todas as suas energias, toda a sua atividade, todo o seu civismo, todo o seu destemor, e nada lhe deram." (CASTELO BRANCO, 2011, p. 154). As palavras de Cristino Castelo Branco levam-nos a refletir sobre o reconhecimento social que Higino Cunha (Figura 2) merece, por toda a sua atuação no processo de transformação cultural no Piauí, nas primeiras décadas do século XX.

Figura 2 – Higino Cunha



Fonte: Acervo da autora. Fotografia sobre O seu... (1938, p. 1).

INSTRUÇÃO E CIVISMO: HIGINO CUNHA

Pensamos ser importante compreender o espaço social e temporal em que Higino Cunha escreveu o discurso *Instrução e civismo*. Era o início do século XX e ocorria uma disseminação de campanhas em favor da educação, como Tambara e Arriada (2009) explicam:

O início do século XX foi marcado no Brasil por intensa campanha de divulgação dos valores decorrentes da universalização do acesso ao sistema escolar. De certa forma a República procurava plasmar uma identificação com a educação. Este processo, na verdade, estava associado a alguns valores específicos, dentre os quais se destacavam o civismo e o moralismo patriótico (TAMBARA; ARRIADA, 2009, p. 279).

SOUSA, J. B. de

No Piauí, revisitamos o livro *Os literatos e a República* para alcançar a compreensão do espaço social no qual Higino Cunha estava inserido. A partir dele, podemos perceber que a modernização do estado e da cidade ainda era um sonho a ser alcançado:

No início da primeira década do século XX, Teresina não dispunha de qualquer equipamento urbano que a definisse como uma cidade moderna. Ausência total e absoluta de calçamento, água tratada e canalizada, transporte público, luz elétrica, esgoto, telefone, etc. As pretensões de modernização e de alteração na estrutura urbana ainda não passavam de projetos que só puderam tornar-se factíveis a partir do momento em que a integração comercial do estado aconteceu (QUEIROZ, 2011, p. 28).

A ideia de modernização naquele momento não estava direcionada somente para o estado, mas também para o país, como mostra Souza (2008):

[...] no alvorecer do século XX, eram muitos e notáveis os traços de modernização da sociedade brasileira: crescimento urbano, remodelação e embelezamento das cidades [...]. Em meio a tudo isso a escola despontava como mais um símbolo do grau de civilização atingido pelos núcleos urbanos (SOUZA, 2008, p. 37).

A educação piauiense, em 1910, passou por diversas mudanças de certo modo promissoras no sentido de consolidação escolar. Foi o caso da oficialização da Escola Normal no Piauí. Brito (1996) aponta esse período como o de consolidação da escola no Piauí (de 1910 a 1961), que tem como início o Regulamento Geral da Instrução Pública (Decreto n.º 434, de 19 de abril de 1910) e a Lei n.º 565, de 22 de junho de 1910, que aprovou o Regulamento com algumas modificações. Para esse mesmo autor, essa normativa é um documento histórico porque incentivou inúmeras mudanças na educação do estado até praticamente 1930. É interessante destacar que a reforma era uma adaptação ao novo Regime Republicano: “Os intelectuais brasileiros, que orientavam o processo, viam na educação a solução para os problemas sociais do País, atribuídos aos elevados contingentes de analfabetos que as estatísticas registravam de aproximadamente 80%.” (BRITO, 1996, p. 46).

Percebemos, ao ler *História da Educação no Piauí*, de Brito (1996), que alguns intelectuais piauienses estavam no poder e, através dessa influência, estimularam os municípios não somente a manter o Ensino Primário, mas também a incentivar pessoas a cursar a Escola Normal com o intuito de melhorar o ensino no estado.

Com a influência do Iluminismo, “[...] os intelectuais propunham para o Ensino Secundário um currículo enciclopédico [...]. O desenvolvimento intelectual era supervalorizado [...]” (BRITO, 1996, p. 47). Isso fazia parte de uma cultura escolar, como afirma Souza (2008, p. 117), “[...] fundamentada na aquisição de conhecimentos enciclopédicos, em um rígido e seletivo sistema de exames, em rigorosas normas disciplinares e em rituais de exaltação ao mérito escolar.” Brito (1996) complementa ainda a ideia da valorização da cultura intelectual presente na Lei 565/1910, que, segundo ele, visava também ao bom desempenho dos deveres sociais. “Observe-se que os intelectuais piauienses tinham suas vistas voltadas não somente para a realidade

nacional, mas para a situação da educação nos países mais avançados do mundo." (BRITO, 1996, p. 47).

Acredito que a *Revista da Academia Piauiense de Letras*, em sua edição de 1919 aqui estudada, traz três produções de Higino pertinentes à valorização da cultura intelectual. Um dos textos é sobre "Noções de História da Literatura Portuguesa", escrito quando o autor ministrava a disciplina na Escola Normal do Piauí. O estudo está dividido em primeira parte (Literatura e suas definições; importância e utilidade do seu estudo; sua divisão) e segunda parte (Grandeza decadência e renascença de Portugal) e traz referências de consulta no final de cada página (CUNHA; BRANCO; PINHEIRO, 2013, p. 3-13). Acreditamos que esse estudo foi importante para Higino Cunha subsidiar suas aulas, mostrando uma produção baseada em pesquisas em outros autores que tratavam do tema. Como corrobora Queiroz (2011, p. 126), "[...] interessado em problemas pedagógicos, Higino Cunha tratou deles em vários dos seus textos. Professor de Literatura da Escola Normal, redigiu longa introdução a compêndio que deveria escrever para adoção da disciplina."

Outro texto de Higino Cunha na referida edição de 1919 é o discurso "Recepção do senhor Pedro Brito", proferido na primeira sessão magna da Academia Piauiense, em 24 de maio de 1918. O autor relembra o seu tempo como estudante dos preparatórios do Liceu Maranhense; faz menção à função e à importância de periódicos, como *O Pensador*; e evoca seu passado no Maranhão e no Recife para falar do patrono Raimundo Alves da Fonseca ao receber o novo acadêmico Pedro Brito (CUNHA; BRANCO; PINHEIRO, 2013, p. 173-180).

O terceiro texto de Higino Cunha na edição de 1919 da *Revista da Academia Piauiense de Letras* é "Instrução e civismo", discurso proferido no paço do Conselho Municipal, em 27 de setembro de 1910, objeto de análise neste artigo. Concordo com Moura (2018, p. 140) quando afirma que muito do que foi escrito por Higino Cunha são "tesouros ainda não vistos":

Muito de sua atividade literária está na imprensa, ali nascendo as ideias e os esboços que depois, mas somente alguns, pularam para o folheto e o livro. E acreditamos mesmo que há tesouros ainda não vistos pelas novas gerações que precisam ser desenterrados dos velhos jornais e revistas onde escreveu (MOURA, 2018, p. 140).

Trago, portanto, novamente à vitrine da História essas ideias, para análise da educação piauiense em 1910, do pensamento educacional em voga e da influência dos intelectuais piauienses nesse processo.

O discurso *Instrução e civismo* foi proferido no paço do Conselho Municipal, em 27 de setembro de 1910, na festa do Liceu Piauiense, sendo Higino o orador oficial do evento. A solenidade era em virtude da comemoração da data em que o Liceu fora equiparado ao Ginásio Nacional e da entrega da bandeira nacional encomendada pelos professores. Higino Cunha (2013) inicia o discurso mencionando o conceito de educação em que acreditava:

Estamos presentes a uma festa escolar, em que procuramos glorificar o ensino moderno, *obrigatório, gratuito e leigo*, ministrado sem exclusivismo de seitas, classes, raças e profissões, mas visando sempre o bem-estar e o progresso desta porção da Pátria Brasileira (CUNHA, 2013, p. 121, grifo do autor).

Esse conceito era o defendido pelos republicanos para a educação e, segundo Souza (2008), nutria-se de ideais liberais e de modelos de modernização educacional que eram praticados em países civilizados. Percebe-se a ênfase na modernidade, obrigatoriedade, gratuidade e laicidade do ensino, voltadas para o progresso e unicidade da pátria.

Para Higino Cunha (2013), aquele momento era uma festa literária, porque a escola formava bacharéis em Ciências e Letras (secundária), e militar, porque substituía o serviço militar obrigatório.

As letras no sentido mais amplo, as armas no sentido mais complexo. São as duas manifestações mais fecundas do engenho humano, tanto na paz, como na guerra e a história não é mais do que o vasto repositório das suas conquistas memoráveis e das leis que regem através dos séculos. O cálam e o Gládio, o livro e a espada – eis os dois factores precípuos da história da civilização (CUNHA, 2013, p. 121).

Higino Cunha (2013) exalta as Letras no seu discurso, o que nos leva a crer que “[...] o que o atraía, em primeiro plano, eram as letras, o debate das ideias, as polêmicas, a investigação histórica.” (COELHO, 2018, p. 86). Comenta, em sua explanação, que nem sempre as duas funções ocorreram, por exemplo, nem sempre um grande escritor é um exímio nos campos de batalha. Fala que sempre existiram pessoas que admiraram as penas e as armas, como, por exemplo, Péricles, Xenofonte, César e Cícero, entre outros. Cita ainda a frase de Napoleão – “Soldados, vou escrever as grandes coisas que fizemos juntos [...]” (CUNHA, 2013, p. 122) –, numa tentativa de unir a pena e as armas.

Higino Cunha sempre fundamenta muito bem as suas palavras, buscando uma explicação do processo histórico que gerou a ideia debatida, o que denota a capacidade gigantesca de leitura e de pesquisa que realizava para os seus escritos. Aponta que preferia mais as conquistas da paz às da guerra, que em toda a história as diferenças tinham propiciado divergências, embora houvesse em curso um esforço da humanidade para desaparecerem as barreiras – “[...] gosto desses sonhadores sublimes que nos mostram a paz universal” [...] (CUNHA, 2013, p. 121) –, sinalizando escolher a paz e as letras como caminho.

Ele não se considera um sentimentalista, mas acredita que um dia a humanidade terá paz, embora estejamos no meio do caminho ainda. Mas os fatos, segundo Higino Cunha (2013), mostram que venceremos a guerra. Cita o crescimento do altruísmo na solução pacífica de tendências internacionais e enaltece o exemplo do Brasil, que resolveu o problema de suas fronteiras naquele período com plena paz.

Em seguida, fez um esboço do panorama internacional em que o Japão “[...] impoz-se ao respeito das nações, primeiro vencendo estrondosamente a China em 1894 e depois na recente e esmagadora guerra com a Rússia [...]” (CUNHA, 2013, p. 124). Em sua opinião o Brasil não poderia ficar indiferente ao exemplo japonês. Esse cenário

mundial resultou numa campanha patriótica que, no seu julgamento, conduziu o país a reorganizar o Exército entre outras medidas, sendo uma delas "[...] a adoção da instrução militar nos estabelecimentos de ensino oficial." (CUNHA, 2013, p. 125).

Higino Cunha (2013) utiliza-se do contexto mundial para explicar a importância do investimento na educação. Ao citar o caso do Japão, exalta e requer todo o respeito que a profissão docente merece ter. Para tanto, recorre ao relato do engenheiro naval Lorenzo D'Adda feita no periódico milanês *Secolo*, que traduz para os seus leitores:

Mas, onde está o segredo das victorias modernas? Di-Io Lorenzo D'Adda [...] *Nenhum japonéz pode ser marinheiro sem ter frequentado todos os graus do ensino primario* [...] Senhores – exclamou o orador – MANDA A ORDENANÇA JAPONEZA QUE QUANDO UM REGIMENTO ATRAVESSA UM POVOADO, O CORONEL SAÚDE EM PRIMEIRO LUGAR, O MESTRE-ESCOLA, E DEPOIS... A AUTORIDADE ADMINISTRATIVA (CUNHA, 2013, p. 125-126, grifos do autor).

É perceptível, no discurso, um chamamento para a formação voltada para o patriotismo, conclamando que este não deveria ocorrer somente na guerra, mas em todos os lugares, por exemplo, no lar, nas escolas, "[...] na fábrica industrial, onde infelizmente o trabalho é ainda victima da exploração do capitalista [...]" (CUNHA, 2013, p. 126). Podemos atribuir essa ideia ao pensamento republicano, do qual Higino Cunha era defensor e admirador, característica que se evidencia ao defender um cidadão ancorado "[...] nas possibilidades de integração social pelo cultivo da formação cívico-patriótica, pela afirmação da nação como projeto político [...]" (SOUZA, 2008, p. 19), corroborado ainda mais em suas palavras, segundo as quais o "[...] patriotismo é o sentimento da pátria una, grande, perpétua e indissolúvel vinculando os homens sob a mesma bandeira na lueta pelos ideaes superiores da humanidade [...]" (CUNHA, 2013, p. 126). Essas ideias deveriam estar presentes na educação como construção de unidade nacional, pois eram importantes para preservar os ideais republicanos.

A exaltação do patriotismo na formação, como já explicamos anteriormente, era uma influência do pensamento republicano nas primeiras décadas do século XX no Brasil. Cunha (2013, p. 126) declara não ser militarista, aplaude a festa do Liceu e define a escola da seguinte forma: "[...] contemplo, na sua excelsa magestade, o livro aberto á avidéz insaciavel da infancia e da adolescencia e o estandarte nacional pairando sobre as nossas cabeças como o lábaro protector, garantindo pela força e o império da justiça e do direito." Vale aqui ressaltar que o Liceu, no período, representava distinção social e prestígio, assim como em outras regiões do país. O corpo docente era formado em sua maioria por profissionais liberais e bacharéis que se embrenhavam também no jornalismo, ocupando os diversos espaços da imprensa e dos impressos, assim como na política. Dessa forma, "[...] o título de bacharel em Ciências e Letras era o coroamento de uma formação geral longa e metódica que somente os mais aplicados e capazes logravam alcançar." (SOUZA, 2008, p. 124). Isso talvez justifique a expressão utilizada por ele ("sua excelsa majestade") ao se referir à escola. Ressaltamos a importância que Higino Cunha dava ao cultivo literário e ao progresso através da instrução, como

podemos notar nas seguintes palavras: “Todos são capazes de progredir uma vez que se adequem à instrução e à educação conveniente. A base do progresso está na escola, que robustece o corpo, forma o coração e o fortalece o espírito. Sem cultivo literário, desaparece a civilização [...]” (CUNHA, 2013, p. 126).

Cunha (2013, p. 126) exalta a ordem e o progresso, demonstrando as suas ideias republicanas, mas ressalta que o “[...] Brasil é um país de analfabetos. É uma herança de Portugal, que devemos relegar para o passado como a escravidão e a monarquia [...]”. Destacamos que a alfabetização foi uma luta sua e de outros intelectuais piauienses, como exemplifica “[...] o pensamento de Cristino Castelo Branco, estando presentes em seus discursos e escritos, ao defender a escola para o povo, principalmente no sentido elementar, quando clama pelo fim do analfabetismo, inferindo que só existe liberdade com a instrução [...]” (SOUSA, 2020, p. 9). O analfabetismo no estado, como podemos ver abaixo, também representava um grande obstáculo para o desenvolvimento literário:

É importante observar que os literatos estão à frente de muitos movimentos tendentes a expandir a alfabetização e muitos deles eram professores da rede pública e/ou particular, e mesmo proprietários de estabelecimentos de ensino. A luta pela alfabetização esteve sempre presente e, embora seus efeitos práticos tenham sido pouco consistentes, permaneceu como uma bandeira da intelectualidade do período. O que se deve reter é que o elevadíssimo número de analfabetos no estado era um dos grandes entraves ao desenvolvimento literário local do ponto de vista de quem fazia literatura (QUEIROZ, 2011, p. 170).

Higino Cunha (2013, p. 127) exalta o Governo do Piauí por ter remodelado o ensino oficial, imprimindo um ensino moderno, e enaltece “[...] Miguel Vicente Paula Oliveira, Antonio da Costa A. Filho, Benedicto Passos e Manoel da Paz Filho, instrutores militares do Collegio Diocesano, do Lyceu e do Tiro Piauiense [...]”. O remodelamento citado parece ser referência à reforma educacional de 1910.

Suas palavras exaltam o conhecimento e a inteligência, que movem a sociedade, como evidencia a seguinte expressão: “O cultivo da mente acima de tudo, porque a inteligência é o motor universal.” (CUNHA, 2013, p. 128). Esse pensamento mostra o quanto Cunha acreditava na educação e no conhecimento como transformação da sociedade em que se vive; como afirma Queiroz (2011, p. 309), ele “foi sobretudo um intelectual orgânico”.

Para encerrar o seu discurso, Higino Cunha (2013, p. 128) conclama que, independentemente do que ocorria no cenário mundial da época, deveríamos responder como Victor Emanuel, ao entrar em Roma: “Aqui estamos e aqui ficaremos”. Conclui com versos de Castro Alves e menção à seguinte data de elaboração e publicação anterior do discurso: “(Piauí) n.º 1081, em 06/10/1910.” (CUNHA, 2013, p. 128).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito deste trabalho foi trazer, para a vitrine da História, discursos proferidos por Higino Cunha, que foi professor, poeta, jornalista, juiz, procurador dos feitos da

Fazenda Estadual e, sobretudo, um pensador. Enfocamos, aqui, o seu pensamento dentro de uma análise da educação piauiense de 1910, primeiros anos do século XX e período de consolidação da República no nosso país.

O que podemos perceber é que o discurso *Instrução e civismo*, muito bem fundamentado historicamente e filosoficamente (o que parece, pelo que li, uma prática comum da escrita de Higino), traz uma contextualização internacional e nacional do mundo em que se vivia naquela época, porque era um período em que o patriotismo era importante, no sentido de buscar uma pátria una, sem analfabetismo e com investimento na educação. O autor acreditava que somente um ensino moderno, consubstanciado no Estado através da reforma educacional de 1910, poderia de fato consolidar uma educação organizada e popular.

Higino Cunha traz ainda, nas entrelinhas do seu discurso, a valorização da profissão docente, ao citar exemplos como o respeito social pela figura do professor no Japão. Foi um difusor de ideias, o que nos leva a crer que estimulou e colaborou com a consolidação de escolas, como a Escola Normal, o Liceu Piauiense e a Faculdade de Direito no Piauí. É importante ressaltar que a reforma educacional de 1910 influenciou posteriormente a criação de grupos escolares no Estado do Piauí, levando para as nossas várias cidades um ensino moderno e organizado, e que fez diminuir o número de analfabetos.

No discurso *Instrução e civismo*, é possível realizar um levantamento de vários pilares do pensamento de Cunha, como a formação voltada ao patriotismo em todos os espaços; a importância de investimento na educação; a educação como construção da unidade nacional; a preservação dos ideais republicanos; o cultivo literário; o conhecimento como motor universal; e o ensino moderno.

A atuação de Higino Cunha leva-nos a refletir sobre o nosso papel como professores e intelectuais, no sentido de levar nosso pensamento à transformação da sociedade em que vivemos. Ele usou muito bem os mecanismos de que dispunha, a imprensa, os impressos, a pena e as palavras; cabe a nós a reflexão e a utilização também dos meios de que dispomos para promovermos uma luta por uma educação democrática e com professores valorizados.

Artigo recebido em: 24/07/2022

Aprovado para publicação em: 10/01/2023

"GIANT OF THE PEN AND THE WORD": PIAUIENSE EDUCATION IN THE DISCOURSE INSTRUCTION AND CIVISM BY HIGINO CUNHA (1910)

ABSTRACT: This article is aimed at analyzing the discourse *Instruction and Civism*, by Higino Cunha (2013), written in 1910, published in the Periodical of the Piauiense Academy of Letters of 1919, edition which is available in the Project *Memória do Jornalismo Piauiense*. This is a hemerographic, documental and bibliographic research, which has the following authors to dialogue with the theme: Queiroz (2011), Chartier (1990), Brito (1996), Souza (2008), Capelato

SOUSA, J. B. de

(1988), Nóvoa (2002), Sousa (2020), among others. In the discourse *Instrução e Civismo*, it is possible to carry out a survey of several pillars of Higinio Cunha's thought, such as training oriented to patriotism in all areas, importance of investment in education, education as the construction of national unity, preservation of republican ideals, literary cultivation, knowledge as a universal engine, and modern education.

KEYWORDS: Press. Piauiense Education. Republican Ideals. Higinio Cunha.

“GIGANTE DE LA PLUMA Y LA PALABRA”: LA EDUCACIÓN PIAUIENSE EN EL DISCURSO *INSTRUÇÃO E CIVISMO*, DE HIGINIO CUNHA (1910)

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo analizar el discurso *Instrução e Civismo*, de Higinio Cunha (2013), escrito en 1910, publicado en la Revista de la Academia Piauiense de Letras en 1919, edición que está disponible en el Projeto Memória do Jornalismo Piauiense. Se trata de una investigación hemerográfica, documental y bibliográfica, que tiene como autores para dialogar con el tema Queiroz (2011), Chartier (1990), Brito (1996), Souza (2008), Capelato (1988), Nóvoa (2002), Sousa (2020), entre otros. En el discurso *Instrução e civismo*, es posible realizar un levantamiento de varios pilares del pensamiento de Higinio Cunha, como formación con enfoque en el patriotismo en todos los espacios, importancia de la inversión en la educación, educación como construcción de la unidad nacional, preservación de los ideales republicanos, cultivo literario, conocimiento como motor universal y enseñanza moderna.

PALABRAS CLAVE: Prensa. Educación piauiense. Ideales republicanos. Higinio Cunha.

NOTA

1 - Frase proferida por Castelo Branco (2011) durante aniversário de 80 anos de Higinio Cunha, em 11 de janeiro de 1938. O discurso também foi publicado anteriormente no Diário Oficial, Teresina, em 12 de janeiro de 1938.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. C. S. Um capítulo da veiculação da discussão educacional na imprensa do Triângulo Mineiro: a revista da Escola. //r: ARAÚJO, J. C. de S.; GATTI JÚNIOR, D. (org.). **Novos temas em História da Educação Brasileira:** instituições escolares e educação na imprensa. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia: EdUFU, 2002. p. 91-132.

BRITO, I. **História da Educação no Piauí.** Teresina: Editora Gráfica da UFPI, 1996.

CAPELATO, M. H. R. **A imprensa na história do Brasil.** São Paulo: Contexto: EdUSP, 1988.

CASTELO BRANCO, C. Banquete oferecido a Higino Cunha, no seu 80º aniversário natalício, ocorrido a 11 de janeiro de 1938. //r: CUNHA, H. **Memórias**: traços autobiográficos. Teresina: Academia Piauiense de Letras; Brasília, DF: Senado Federal, 2011. p. 153-159.

CHARTIER, R. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COELHO, C. B. **Academia Piauiense de Letras**: um pouco da história, um pouco das ideias. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2018.

CUNHA, H.; BRANCO, F. C.; PINHEIRO, J. (coord.). **Revista da Academia Piauiense de Letras**, Teresina: APL, ano 2, n. 1, 1919. Ed. digitalizada. [S. l.]: AWS, [28 ago. 2013]. Disponível em: <<https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/pm-uploads/Revista%20da%20Academia%20Piauiense%20de%20Letras/CdpEoj9UiVTIqHMtbtBS4Q==>>. Acesso em: 1 fev. 2022.

CUNHA, H. Instrução e civismo. //r: CUNHA, H.; CASTELO BRANCO, F.; PINHEIRO, J. (coord.). **Revista da Academia Piauiense de Letras**, Teresina: APL, ano 2, n. 1, 1919. Ed. digitalizada. [S. l.]: AWS, [28 ago. 2013]. Disponível em: <<https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/pm-uploads/Revista%20da%20Academia%20Piauiense%20de%20Letras/CdpEoj9UiVTIqHMtbtBS4Q==>>. Acesso em: 1 fev. 2022.

CUNHA, H. **Memórias**: traços autobiográficos. Teresina: Academia Piauiense de Letras; Brasília, DF: Senado Federal, 2011.

MENDES, Z. T. Apresentação. **Revista da Academia Piauiense de Letras**, Teresina: APL, ano 103, n. 78, p. 11-12, dez. 2020.

MOURA, F. M. de. Higino Cunha, mestre da geração acadêmica. //r: COSTA, N. N. (org.). **Academia Piauiense de Letras**: os fundadores. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2018. p. 133-153. (Coleção 100 anos).

NÓVOA, A. A imprensa de educação e ensino: concepção e organização do repertório português. //r: CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. C. (org.). **Educação em Revista**: a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 11-31.

O SEU aniversário amanhã. **Diário Oficial**: secção de publicidade e estatística, Teresina, ano 8, n. 6, p. 1, 10 jan. 1938.

QUEIROZ, T. de J. **Os literatos e a República**: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EdUFPI, 2011.

SOUSA, J. B. de

SOUSA, J. B. de. "Tão longe tudo no tempo, e aqui tudo presente, tão vivo, me ocorrendo ao bico da pena": escrita autobiográfica e educação piauiense na obra de Cristino Castelo Branco (1892-1931). **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v. 19, n. 3, p. 783-795, set.-dez. 2020. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/56844/29672>>. Acesso em: 2 fev. 2022.

SOUZA, R. F. de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX: Ensino Primário e Secundário no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2008.

TAMBARA, E. A. C.; ARRIADA, E. Civismo e educação na Primeira República: João Simões Lopes Neto. **Revista História da Educação**, Pelotas, v. 13, n. 27 p. 279-292, jan.-abr. 2009. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/29036/pdf>>. Acesso em: 3 fev. 2022.

JANE BEZERRA DE SOUSA: Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (2009), Mestrado em Educação (UFPI/2005). Licenciatura Plena em Pedagogia (UFPI/1996), Licenciatura Plena em História (UESPI/2001), Especialização em Docência do Ensino Superior (UFRJ/2001), Atualmente é professora na Universidade Federal do Piauí, Campus Ministro Petrônio Portela, Teresina-PI, no Centro de Ciências da Educação/ Departamento de Fundamentos da Educação / Área de Fundamentos Históricos e Culturais da Educação e no Programa de Pós-graduação em Educação na linha de História da Educação.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5356-899X>
E-mail: jane_bezerrasousa@yahoo.com.br

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 3.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).